

# Projeto de pesquisa

## A visão de mundo dos viajantes sobre o território do pitoresco

Angela Mendes de Almeida  
2000

### Pressupostos teóricos relativos ao objeto da pesquisa

#### Os viajantes da historiografia brasileira

Os viajantes foram freqüentemente usados para o estudo da história do Brasil como fonte de informação. A primeira geração de historiadores brasileiros, a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cujo expoente máximo é Adolfo de Varnhagen, estando mais voltada para uma história institucional, utilizou-se pouco dos viajantes. Inclusive porque a grande leva de obras de narrativa de viagem é contemporânea a essa história oitocentista. O seu papel foi mais o de coletar, "escavar" mesmo, documentos que fornecessem a base dos acontecimentos históricos. É bem verdade que o próprio Varnhagen ocupou-se de um viajante da era dos descobrimentos, no entanto mais com o sentido do esclarecimento histórico do fato da descoberta<sup>1</sup>. Coube à segunda geração, com Capistrano de Abreu à frente, ordenar os fatos em uma interpretação coerente.

Será a terceira geração de historiadores, a dos anos 30, que começará a integrar sistematicamente em suas fontes as obras dos viajantes mais famosos. Inclusive porque só para esta geração a vida social e a familiar aparecerão como matéria histórica propriamente dita. Só que neste caso as observações dos viajantes, intocadas e desprovidas de filtros metodológicos, funcionarão como descrição de uma realidade ou comprovação de uma interpretação.

Integrada à Coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, Pedro Calmon publicou, em 1934, a *História Social do Brasil*<sup>2</sup>, com a preocupação, totalmente inovadora nessa época, de descrever o "espírito" da sociedade colonial e da imperial. Fronteiriça de preocupações etnológicas, a obra ocupa-se de temas tais como "criminalidade e amor", "ciúme na Colônia", a situação das mulheres, individualismo, psicologia, etc. É nesse contexto que Calmon utiliza toda uma série de viajantes oitocentistas como, por exemplo os já muito citados Maria Graham, John Mawe, Charles Ribeyrolles, Henry Koster, mas também Yves d'Evreux, Alcide d'Orbigny e os setecentistas François Frezier, Le Gentil de Labarbinais e outros. Para ilustrar o nacionalismo, por exemplo, vale-se de observações de Mawe<sup>3</sup>, bem como de Spix e Martius<sup>4</sup> para demonstrar, nos colonos, a

---

<sup>1</sup> F.A. De Varnhagen, *Amerigo Vespucci: son caractère, ses écrits (même les moins authentiques), sa vie et ses navigations, avec une carte indiquant les routes*. Lima, Imprimerie du "Mercurio," 1865; e *Le premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué dans ses détails*. Vienne, Chez le fils de C. Gerold, 1869.

<sup>2</sup> Pedro Calmon, *História social do Brasil*. (2ª edição). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

<sup>3</sup> John Mawe, *Voyages dans l'intérieur du Brésil* (1816), tradução francesa de *Travels in the interior of Brazil*. London, Longman, 1812.

<sup>4</sup> Spix e Marius, *Através da Baía: excerptos da obra Reise in Brasillien*. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1916.

vaidade de não ser "mazombo", ou seja, europeu. Vale-se também de dados estatísticos fornecidos por d'Orbigny<sup>5</sup> para definir o peso demográfico da mestiçagem.

Por volta da mesma época Afonso de Taunay publicava *Visitantes do Brasil colonial (séculos XVI-XVIII)*<sup>6</sup>, com textos de Olivier van Noort (1558-1627), Richard Flenckno, (?-1678), James George Semple, dito Semple-Lisle (? -1799).

Oliveira Viana também serviu-se, ocasionalmente, da obra dos viajantes, como em *Populações Meridionais do Brasil*<sup>7</sup>, onde usou Spix e Martius, Koster, Richard Burton, Eschewege e diversas obras de Auguste de Saint-Hilaire, mas sempre com o sentido de reafirmar ou ilustrar uma convicção. É o caso de sua afirmação - que vai na direção inversa da figura legada pela obra de Gilberto Freyre - da circunspeção, severidade e reserva dos senhores rurais<sup>8</sup>. Saint-Hilaire havia dito dos brasileiros serem eles "frios, lentos e pouco apaixonados"<sup>9</sup>.

Mas é com Gilberto Freyre que o uso das obras dos viajantes, sobretudo para assuntos de família e da situação da mulher, mais se expande. Le Gentil de Labarbinais, Louis Tollenare, François Pyrard, Henry Bates, Alfred Wallace, Kidder e Fletcher, Maria Graham, Richard Burton, George Gardner, John Mawe, Herbert Smith, Henry Koster e outros são citados para demonstrar, ilustrar e reafirmar as posições do autor. Por exemplo, sobrepondo qualitativamente os negros aos índios:

"Pode-se juntar a essa superioridade técnica e de cultura dos negros, sua predisposição como que biológica e psíquica para a vida nos trópicos. Sua maior fertilidade nas regiões quentes. Seu gosto de sol. Sua energia sempre fresca e nova quando em contacto com a floresta tropical. Gosto e energia que Bates foi o primeiro a contrastar com o fácil desalento do índio e do caboclo sob o sol forte do Norte do Brasil. Bates notou nos índios -- que conheceu, não superficialmente, mas na intimidade, tendo vivido entre eles entre 1848 e 1859 -- "*constitutional dislike to the heat*". Acrescentando que sempre os viu mais alegres, mais bem dispostos, mais vivos nos dias de chuva, o corpo escorrendo água".<sup>10</sup>

Tomando estas palavras por descrição de uma realidade, a Freyre não lhe chama a atenção a frase seguinte de Bates por ele citada, atribuindo à África a infância dos ingênuos: "*How different all this is with the negro, the true child of tropical climes*".<sup>11</sup>

Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, de 1936, e Caio Prado Jr. em *Formação do Brasil contemporâneo - Colônia*, de 1942, também citam ocasionalmente viajantes como forma de ilustrar suas afirmações, às vezes até com ironia e comicidade como, por exemplo, a citação deste último autor sobre a pergunta de Koster a respeito da cor de um capitão do mato; como se sabe a resposta obtida, tornada já famosa, era que o dito capitão "era mulato, porém já não o é", pois um capitão do mato não pode ser mulato<sup>12</sup>. Na década de 50 Wanderley Pinho de Araújo utilizou-se amplamente dos viajantes para escrever o saboroso *Salões de damas do Segundo*

---

<sup>5</sup> Alcide d'Orbigny, *Voyage dans les deux Amériques ...* Paris, L. Tenré, 1836.

<sup>6</sup> Afonso de Taunay, *Visitantes do Brasil colonial (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.

<sup>7</sup> Oliveira Viana, *Populações Meridionais do Brasil* (3ª edição) São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>9</sup> Auguste de Saint-Hilaire, *Voyage à Rio Grande du Sud*. Orléans, H. Herluison, 1887.

<sup>10</sup> Gilberto Freyre, *Casa-grande e senzala*. (2ª edição) Rio de Janeiro, Schimidt Editor, 1936, p. 199

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 200; e Bates, *The Naturalist on the Amazon River*. London, John Murray, 1836.

<sup>12</sup> Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1976, p. 109; Caio Prado Jr., *Formação do Brasil contemporâneo - Colônia*. São Paulo, Brasiliense, 1942; e Henry Koster, *Voyages dans la partie septentrionale du Brésil depuis 1809 ....* Traduit de l'anglais. Paris, Chez Denaunay, 1818.

*Reinado*<sup>13</sup>. Por fim, na medida em que as questões de família, da situação da mulher e da vida privada invadiram a historiografia brasileira com a história das mentalidades, os viajantes tornaram-se referência necessária, sobretudo nos estudos de gênero.<sup>14</sup>

## A visão social de mundo<sup>15</sup> dos viajantes

As obras dos viajantes são um gênero literário que conheceu o seu apogeu no século XIX, mas cujo florescimento desabrocha no século XVIII, no século das Luzes, juntamente com outros tantos processos de conhecimento que o pensamento burguês enceta nesse período. Os motivos das viagens, nesses dois séculos, já estão mais ligados ao que chamaríamos hoje de "iniciativa privada", ou de "sociedade civil". Não é mais, como nos séculos XVI e XVII, o Estado que encomenda as expedições com fins comerciais ou militares, embora possa haver apoios institucionais.

Mas tanto nesse período anterior, quanto nos séculos XVIII e XIX, há uma característica marcante nessa literatura. Há um "eu", portador de uma visão social de mundo, que é o viajante, debruçando-se sobre um "outro" e observando-o<sup>16</sup>. Observa a natureza, os acidentes do terreno, a vegetação, os animais, mas mesmo que sua intenção não seja a de observar os "hábitos" e "costumes" da população local, fatalmente deixará escapar aqui e ali seus conceitos sobre esse "outro" diante de quem está. Nas ciências sociais essa problemática tem aparecido como a relação de tensão entre o sujeito e o objeto da observação, tema de questões metodológicas e epistemológicas.<sup>17</sup>

No caso da literatura de viagens, onde a metodologia não guia a observação, a tensão entre o "eu" e o "outro" aparece necessariamente de uma forma mais aguda e explícita. Não por outra razão são profusos os títulos mencionando o pitoresco, o exótico, o curioso, o memorável: é como o "eu" europeu (mas não só; bem cedo os norte-americanos vão engrossar o contingente de viajantes) vê o "outro", o habitante daqueles territórios que, em bem pouco tempo, irão conformar aquilo que veio a se chamar de "terceiro mundo".

---

<sup>13</sup> Wanderley Pinho de Araújo, *Salões de damas do Segundo Reinado* (3ª edição). São Paulo, Martins, 1959.

<sup>14</sup> Ver, entre muitos outros exemplos, Miriam Moreira Leite, Maria Lúcia de Barros Mott e Bertha K. Appenzeller, *A mulher no Rio de Janeiro no século XIX*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1982; e Miriam Moreira Leite, *A condição feminina no Rio de Janeiro - Século XIX*. São Paulo, Hucitec/Pró-Memória-INL, 1984.

<sup>15</sup> Emprego aqui a expressão "visão social de mundo", a partir da formulação de Lucien Goldmann, como sendo o conjunto de aspirações, sentimentos e idéias de uma classe social, ou de uma camada social, inserida nacionalmente. Ver *Le Dieu caché*. Paris, Gallimard, 1976.

<sup>16</sup> Estes termos de "eu" e "outro", que parecem emprestados da psicologia, estão sendo utilizados aqui por mim para distinguir a visão social de mundo daquele que observa, da do observado.

<sup>17</sup> Trata-se da relação entre o sujeito/observador e o objeto/observado. Na discussão sobre a questão da objetividade/ou impossibilidade dela - das relações íntimas, se o sujeito está embebido no contexto do objeto, ou estanques se o sujeito observa seu objeto como num laboratório - muitas questões metodológicas e epistemológicas têm sido postuladas. Ver, no âmbito da sociologia, Michel Löwy, *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen - Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo, Busca Vida, 1987; no âmbito da antropologia, Louis Dumont, *O individualismo - Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985. No âmbito da história essa tem sido uma problemática constante para a *École des Annales* e seus seguidores, porém com viés inverso, ou seja, ao invés de admitir que necessariamente o sujeito observador está inserido no objeto que analisa, o historiador de mentalidades - que está necessariamente inserido no seu século - deve tentar despir-se de sua maneira de pensar moderna e atual, imaginando o homem do passado. É o que faz Lucien Febvre quando se propõe a reconstituir a mentalidade de um homem, por exemplo, do século XVI, o "instrumental mental" de que dispunha para reagir aos obstáculos da vida. Ver *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle - La religion de Rabelais*. Paris, Albin Michel, 1968; e *Combates pela história*. Lisboa, Presença, 1989.

No Brasil, os historiadores não têm tentado analisar o discurso dos viajantes como expressão de sua visão social de mundo, como representação do que pensavam sobre esse "outro" que viam. Têm em geral tomado o que dizem eles como expressões variadas da realidade de outrora, utilizando o discurso como base de dados. Do que se trataria então é de ter esse discurso como objeto a análise.

Fora do Brasil já existem algumas análises desse tipo. Uma delas acaba de ser traduzida: é a de Mary Louise Pratt<sup>18</sup>. A autora tem a preocupação de analisar os discursos dos viajantes, entendidos como expressão do "Império". Por isso a sua cronologia tem como ponto de partida 1750, entendido o "Império" como todo o movimento que impulsiona cientistas e curiosos a conhecer sempre mais, até o infinito, conforme o paradigma do Iluminismo<sup>19</sup>, mais territórios, vegetações, animais e, até homens. Baseando-se em literatura de viagem sobretudo anglo-saxônica, mas não exclusivamente, e circunscrevendo geograficamente o território de seus viajantes à África e à América do Sul<sup>20</sup>, a autora analisa o discurso desses viajantes, dentro da sua perspectiva de oposição entre Império e Colônia, e reconstitui a imagem do "outro", os colonizados, construída pelo "eu", os representantes do "Império".<sup>21</sup>

Ao caracterizar o "eu", viajante/sujeito observador, como "Império" e o "outro", objeto da observação, como o colonizado, e ao mesmo tempo ao recortar seu período cronológico a partir de 1750 e centrado nos viajantes anglo-saxônicos, a autora obteve uma resposta que, em que pese todo o interesse e inovação de sua análise, não esgota nem de longe o que se pode retirar do estudo da visão social de mundo dos viajantes.

Em primeiro lugar escapa-lhe, em certo sentido, a noção de classe social. É bem verdade que a autora retoma, em inúmeros trechos, a idéia de que essa voz do "Império" é a voz autoritária da burguesia para com os colonizados. Porém de que burguesia se trata? Ao centrar sua análise nos viajantes anglo-saxônicos ela tende a reduzir o pensamento burguês à vertente da filosofia empiricista, de certa maneira vencedora, ao final, da batalha da "Razão", na passagem do século XVIII para o XIX. Como se sabe essa vertente teve sua origem na Inglaterra e acabou prevalecendo, no século XVIII, sobre a vertente propriamente racionalista que Descartes havia inaugurado no século XVII, quando a grande maioria dos enciclopedistas franceses viu-se seduzida não apenas pelas formulações sensistas de um Hume e por Locke, mas sobretudo pelo vigor das instituições políticas burguesas já em uso na Inglaterra, enquanto a França ainda vegetava no Antigo Regime. Com isso perde-se a dimensão propriamente racionalista do pensamento burguês que, apesar de "superada", não deixou de manter seu vigor entre os franceses, tendo uma profunda influência no modo de pensar e de sentir, na mentalidade, na visão social de mundo, enfim. Além disso essa influência se estenderá pelo mundo durante o século XIX e primeira metade do século XX, em função do prestígio, no pensamento político, das revoluções francesas ocorridas a partir da de 1789. Enquanto a Inglaterra estendia poderosamente a sua rede de domínio econômico, o padrão francês servia como modelo ideal na atuação política. E mais ainda: há outra nuance importante,

---

<sup>18</sup> Mary Louise Pratt, *Os olhos do Império - Relatos de viagem e transculturação*. Baurú, Edusc, 1999. Há também a análise de Edward W. Said, que estuda a visão do imperialismo sobre o que viria a ser o Terceiro Mundo, porém na literatura (ver *Cultura e imperialismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995). Por outro lado, Flora Sussekind propôs-se recentemente a analisar a influência da literatura de viagens referente ao Brasil no processo de constituição da narração de ficção na prosa romântica das décadas de 30 e 40 do século XIX (ver *O Brasil não é longe daqui - O narrador; a viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000).

<sup>19</sup> É a ilusão assintótica do conhecimento, o acreditar que o conhecimento não tem limites e vem sempre para ajudar os homens, cf. Cornelius Castoriadis, *As encruzilhadas do labirinto*, vol. II. São Paulo, Paz e Terra, 1987, p. 146.

<sup>20</sup> Sobre a qual, é preciso dizer, ela só aporta na América Espanhola e Inglesa.

<sup>21</sup> A autora aborda também, secundariamente porém com relevo, a relação entre a imagem construída pelos viajantes e a mesma imagem captada pelos colonizados, através do conceito por ela criado de "zonas de contacto".

outra vertente do pensamento burguês que escapa a essa análise que é a posição romântico-historicista (e antirracionalista) predominante entre os pensadores alemães inconformados com o arrasamento da história e de suas tradições pela Revolução Francesa, com a igualdade que a tudo igualava, fazendo perderem-se as qualidades em prol das quantidades.<sup>22</sup>

Portanto, nos séculos XVIII e XIX havia ainda muitos "Impérios" para além do anglo-saxão<sup>23</sup>. Constitui, em certa medida, um anacronismo transferir para aqueles séculos o domínio, quase absoluto atualmente, do pensamento burguês de origem anglo-saxônica.

Se no entanto recuarmos aos dois séculos anteriores, quando começam as viagens, a noção monoimpério fica ainda mais esmaecida. Isso porque os europeus que vieram olhar "o outro" estavam atravessados não apenas por lutas militares ainda não resolvidas, mas sobretudo por lutas religiosas que deixaram poderosa marca nas mentalidades, no estilo de pensar e de sentir. A ruptura religiosa protestante iniciada nos anos 20 do século XVI vai ocupar duradouramente as mentes durante mais de 200 anos, forjando ao menos dois estilos bem diferentes de ver o mundo, com algumas formas intermediárias. De um lado o estilo protestante, puritano, austero, defendendo uma religiosidade interior e propugnando, não raras vezes, por uma moral ascética e despojada. De outro o estilo católico da Contra-Reforma, dito "barroco", espalhafatoso, propondo uma religiosidade calcada nas aparências extravagantes e nas fórmulas legais, por baixo das quais, sob o sigilo da confissão, muitas concessões ao pecado transitavam. Com indubitáveis variáveis nacionais estes dois estilos padrão deixaram profundas marcas contraditórias na maneira de pensar e de sentir, produzindo um certo estranhamento cultural recíproco. Não apenas na maneira de abordar a vida econômica e material<sup>24</sup>, como também na forma de encarar o progresso da ciência e, principalmente, nos modos de viver a intimidade na família e na sexualidade transgressora. É nesse movimento que se estabelecerá um estranhamento importante entre a Ibéria e a Itália católicas, e a Inglaterra, a Holanda, a Alemanha e, em grande parte, a França, assolada pela corrente católica herética do jansenismo que, do ponto de vista da forma religiosa agostiniana, bem como da maneira de encarar a família e a sexualidade transgressora, encontrar-se-á, desde o século XVII, mais próxima dos protestantes do que dos "barrocos" ibéricos.<sup>25</sup>

## **Os livros de viagem como reflexo da evolução e das contradições de diversas visões sociais de mundo**

A própria análise dos títulos das obras dos viajantes ao longo desses quatro séculos já revela uma evolução européia que está ancorada na constituição do pensamento de uma classe, a burguesia, e nos elementos religiosos, nacionais e geopolíticos.

---

<sup>22</sup> Para estas análises sirvo-me de Lucien Goldmann, *La communauté humaine et l'univers chez Kant*. Paris, Presses Universitaire de France, 1948, pp. 1-26. Ver também Wolf Lepenies, *As três culturas*. São Paulo, Edusp, 1996. A aplicação a um caso concreto de discussão histórica e sociológica está em Angela Mendes de Almeida, "Classe e nação: estilos de pensar e de sentir", *Estudos - Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, nº 6, abril 1999, pp.46-55.

<sup>23</sup> Num outro diapasão, Richard Morse, em *O espelho de Próspero - Cultura e idéias nas Américas* (São Paulo, Companhia das Letras, 1988), também concentrou a comparação entre dois padrões opostos de pensamento - estudando a filosofia e depois a literatura - na contraposição entre o pensamento ibérico, depois "colonizado", e o anglo-saxão, imperial vencedor.

<sup>24</sup> Como já o demonstrou Max Weber, *A ética do protestantismo e o espírito do capitalismo*. Lisboa, Presença, 1983.

<sup>25</sup> A conferir com a virulenta crítica de Blaise Pascal aos jesuítas (*Les Provinciales*. Paris, Gallimard/Folio, 1987. Ver também Angela Mendes de Almeida, "A casuística, o probabilismo e os manuais de confessores", comunicação apresentada no VII Encontro Regional da ANPUH, Rio de Janeiro, 11/10/1996).

Os livros de viagem do século XVI são principalmente descrições de operações de conquista cujos participantes, depois, narram *les choses plus mémorables*, como diz livro atribuído a Jean de Léry<sup>26</sup>. Mas esboça-se a idéia de viagem por simples curiosidade *autour du monde*<sup>27</sup>. Todas elas se fazem sob a cobertura de uma empreitada marítima guerreira e/ou comercial. Os viajantes, os que olham o "outro", são principalmente franceses e italianos. Descobrem coisas surpreendentes e desconhecidas. Seus relatos transmitem "o gosto da maravilha e do mistério"<sup>28</sup>. Porém a surpresa deve ser redimensionada. Os homens do século XVI estavam preparados para se surpreenderem. Crédulos, ao mesmo tempo em que descobriam coisas memoráveis de cujo caráter maravilhoso não duvidavam, alimentavam o medo de monstros marinhos e fenômenos naturais de conseqüências sinistras.<sup>29</sup> O "outro" era o desconhecido, mas ainda não era o "atrasado". Era exótico, curioso, selvagem porque infiel e não-cristão. Ainda não era tão desprezível como virá a ser mais adiante. Ao contrário, os viajantes mergulhavam no exotismo de suas descobertas, deleitando-se com o excepcional.

Os livros de viagem do século XVII comungam ainda dessa atitude. Mas há um elemento novo a levar em consideração: a divisão do mundo cristão, já consolidada. Portanto, para os católicos, os inimigos são os protestantes. Situação particular é a da França, quase dividida ao meio. Isso vai se espelhar nas conquistas e nos livros de viagens, que muitas vezes são acompanhados de livros de história. Gabriel Dellon publicou, em 1688, um narração da inquisição de Goa e dez anos mais tarde um livro de viagem, no qual se ocupa de plantas, animais, doenças, etc. Seu percurso - Madagascar, Malabar, Calicut, Goa - também já esboça a idéia de um mundo luso passando pela África, Índia e Brasil<sup>30</sup>. O mundo luso é uma figura que aparece nesses livros de viagens, apontando para o fato de que os países ibéricos, de "imperiais", começam a ser vistos como fazendo parte do "outro" exótico a ser observado. Os viajantes são ainda preponderantemente franceses, poucos italianos, ingleses e holandeses. Os percursos também são amplos<sup>31</sup>.

A partir do século XVIII a viagem se independentiza relativamente da empreitada militar ou comercial, torna-se uma atividade científica e de curiosidade, em geral com certo apoio institucional. É nessa época que se delinea mais especificamente a figura clássica do viajante, do "eu" que observa, por contraposição ao "outro", que é observado. Esse "outro," além de surpreendente, passa a ser pitoresco, quando não estranho. Não é por acaso, também, que o conjunto de livros de viajantes desse período já tem uma presença marcante de ingleses<sup>32</sup>, embora, no acervo da

---

<sup>26</sup> Jean de Léry, *Histoire des choses mémorables ... advenues en la Terre du Brésil, partie de l'Amérique Australe, sous le gouvernement ....* 1561.

<sup>27</sup> Ver, como exemplo, Benedetto Bordone, *Isolario - Nel qual si ragiona di tutte l'isole del mondo con li lor nomi antichi & moderni, ....* Vinegia, Nicolo D'Aristotile, 1534. Ou Lancelot Voisin, sieur de la Popelinière, *Les trois mondes*. Paris, Pierre l'Huiller, 1582.

<sup>28</sup> Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1985, p. 1.

<sup>29</sup> Lucien Febvre, 1988, op.cit. ; e Sérgio Buarque de Holanda, op.cit.

<sup>30</sup> Gabriel Dellon, *Relation de l'inquisition de Goa*. Paris, s.ed., 1688; e *Nouvelle relation d'un voyage fait aux Indes Orientales contenant la description ...* Amsterdam, Paul Marret, [1699].

<sup>31</sup> Alguns exemplos: François Pyrard, *Voyage de François Pyrard, de Laval, contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques & au Brésil*. 9e ed. Paris, L. Billaine, 1679; Richard Fleckno, *Relation of ten years travells in Europe, Asia, Africa and America*. London, The Author, 1654; Joris van Spilbergen, *Miroir l'Oost & West-Indial. Auquel sont descriptes les deux derniers navigations.....* Amsterdam, Chez Ian Iansz, 1621.

<sup>32</sup> Mrs. Nathaniel Edward Kindesley, *Letters from the islands of Tenerife, Brasil, the Cape do Good Hope ...* London, J. Nurse, 1777; George Shelvocke, *A voyage round the world, by the way on the great South Sea .....* London, J. Senex, 1726; George Anson, Baron de Anson, *Voyage à la mer du Sud ...* Traduit de l'anglois. Lyon, s.ed., 1756; William Betag, *Voyage round the world. Being an account of a remarkable entreprize begun in the year 1719 ...* London, T. Combers, 1728.

biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, ainda predominem os franceses<sup>33</sup> por pequena margem. Nessas condições é fácil imaginar que o "eu" que observa é agora, em uma maioria de casos, um protestante, senão um puritano, vindo de plagas onde já se fez - ou está por se fazer - a revolução burguesa, onde fábricas e bancos já são a mola do sistema econômico. O "outro" torna-se assim mais distante e mais exótico, agora separado não apenas por uma visão de mundo radicalmente diferente, como por uma paisagem em que a modernidade já adentrou. Não é por acaso que também, agora, o "outro" engloba não apenas a América Ibérica, a África e a Ásia, mas também a própria Ibéria.<sup>34</sup> O mundo luso integra num todo - atrasado, quando não selvagem, em todo caso esquisito - a metrópole e suas colônias<sup>35</sup>.

O século XIX é o século de ouro das obras dos viajantes. Não é por outra razão que o número de títulos da biblioteca do IEB dá um salto nesse período. Aí já há uma clara predominância dos autores ingleses, aos quais se juntam alguns norte-americanos<sup>36</sup> que, imbuídos da mesma curiosidade por essas terras e populações estranhas e exóticas, palmilham o mundo. Mas há ainda muitos franceses, alemães e italianos. O leque de temas também se abre. Há toda uma série de naturalistas e cientistas, entre eles Eschwege, Humboldt, bem como outros menos conhecidos como Bates e Ball.<sup>37</sup> Já para o fim do século alguns antropólogos aventuram-se pelas tribos indígenas, como Coudreau e sua esposa<sup>38</sup>. Outros viajavam para sentir o pulso das condições de imigração ou experimentá-la, como o famoso caso de Davatz.<sup>39</sup> Viagens, entre curiosas e científicas, também procuravam se informar sobre o estado da economia, tanto da agricultura como

---

<sup>33</sup> Alguns exemplos: Amedée-François Frezier, *Relation du voyage de la Mer du Sud suc côtes du Chili, du Perou e du Brésil...* Amsterdam, s. ed., 1717; Charles Marie de La Condamine, *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale...* Maestrich, F...., 1738; Jean-François de Galaup, Comte de Lapérouse, *Voyage de La Pérouse autour du monde, publié conformément au décret de 22 avril 1791 ....* Paris, an V [1797].

<sup>34</sup> Como também a Itália.

<sup>35</sup> Ver, por exemplo: Jean-François, Barão de Bourgoing, *Voyage du ci-devant duc de Chatelet en Portugal, où se trouvent des détails intéressantes sur ses colonies, sur le tremblement de terre à Lisbonne, sur ...* Paris, Chez F. Buisson, 1794; *Description de la ville de Lisbonne, où se traite de la cour de Portugal, de la langue portugaise & des moeurs des habitans; du gouvernement ,...; des colonies portugaises.* Amsterdam, s.ed., 1730; James Cavanagh Murphy, *Travels in Portugal.* London, s.ed., 1797.

<sup>36</sup> Alguns exemplos: Ulick Ralph Burke e Robert Staples Jr., *Business and pleasure in Brazil.* New York, Scribner & Welford, [ 1884]; Ballard S. Dunn , *Brazil, the home for southerners: or, a practical account of what the author, and others, who visited that country,*... New York, George B. Richardson, 1866; Christopher Columbus Andrews, *Brazil its conditions and prospects, 1887.* New York, D. Appleton and C., 1887; Robert Browne Minturn, *From New York to Delhi : by way of Rio de Janeiro, Australia and China.* New York, D. Appleton, 1858; Herbert Huntington Smith, *Brazil - The Amazon and the coast.* New York, Charles Scribner's Sons, 1879; e Marie Robinson Wright, *The new Brazil, its resources and attractions; historical, descriptive and industrial.* Philadelphia, G. Barrie & son, [1901].

<sup>37</sup> Wilhelm Ludwig von Eschwege, *Pluto brasiliensis.* Tradução do original alemão. São Paulo, Companhia Editora Nacional [pref. 1944]; Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland, *Personal narrative of travels to the equinoctial regions of America.* Translated and edited by Thomasina Ross. London/New York, George Routledge and Sons limited, (1851); Henry Walter Bates, *Naturalist on the River Amazon, a record of adventures, habits of animals, sketches of brasilian and indian life, and...* London, John Murray, 1863; John Ball *Notes of a naturalist in South America.* London, K. Paul, Trench & co., 1887.

<sup>38</sup> Eis algumas das edições originais de suas obras: Henri Anatole Coudreau, *Chez nos Indiens: quatre années dans la Guyane Française (1887-1891).* Paris, Hachette et cie, 1893; *Voyage au Tocantins-Araguaya.* Paris, ..., 1897; *Voyage à Itaboca et à l'Itacayuna: 1 juillet 1897 - 11 octobre 1897.* Paris, A. Lahure, 1898; *Voyage entre Tocantins et Xingú 3 avril 1898-3 novembre 1898.* Ouvrage illustrée de 78 vignettes et de 15 cartes. Paris, A. Lahure, 1899; e em conjunto com sua esposa, Mme. O. Coudreau, *Voyage au Trombetas, 7 août 1899-25 novembre 1899...* Paris, A. Lahure, 1900. Mme. O. Coudreau também escreveu sozinha *Voyage au Rio Curuá, 20 novembre 1900-7 mars 1901.* Paris, A. Lahure, 1903; e *Voyage au Maycurú, 5 juin 1902-12 janvier, 1903.* Paris, A. Lahure, 1903.

<sup>39</sup> Thomas Davatz, *Memórias de um colono no Brasil (1850).* Tradução, prefácio e notas de Sérgio Buarque de Holanda. S. Paulo, Livraria Martins [1941]. Ver ainda: Amalia Schoppe Waise, *Emigrants au Brésil.* Trad. de Louise Utrecht Friedel. Tours, Ad Mame et Cie, 1839; Ralph Rylance, *Sketch of the causes and consequences of the late emigration to the Brazils...* London, Longman, 1808; Alberto de Foresta, *Attraverso l'Atlantico e in Brasile.* Roma, A. Sommaruga e c., 1884; e Alfonso Lomonaco, Alfonso, *Al Brasile,* pel Dottor Alfonso Lomonaco. Milano, L. Vallardi, 1889.

da indústria<sup>40</sup>. E havia ainda todos os que faziam a viagem em missão religiosa, católicos e protestantes, sobretudo estes últimos nestes tempos mais modernos.

O século XIX é o século da "descoberta" da vida privada. Por isso são tão presentes, independentemente da intenção dos autores, as observações cortantes ou irônicas sobre os costumes familiares e sociais do Brasil oitocentista, das quais se serviram Gilberto Freyre, e na sua esteira, toda uma série de pesquisadores mais contemporâneos.<sup>41</sup> No entanto o olho feminino de algumas escritoras viajantes pode dar melhor a dimensão da contraposição entre o "eu" observador e o "outro" observado. E foram muitas as mulheres que escreveram.<sup>42</sup>

Permaneciam ainda os viajantes extasiados com o exótico e o pitoresco, como demonstram muitos títulos.<sup>43</sup> Outros, no entanto, já passavam seus títulos do pitoresco para o ridículo e a crítica francamente aberta.<sup>44</sup> E "pitorescos" agora, dignos de serem olhados como "o outro", eram agora também os ibéricos.<sup>45</sup>

Parte de projeto de pesquisa

Encaminhado ao CNPQ – 2000

Palavras-chave: viajante – pitoresco – visão de mundo – outro - Ibéria

---

<sup>40</sup> Ver William Scully, *Brazil; its provinces and chief cities; the manners & customs of the people; agricultural, commercial, and other...* London, Murray & Co, 1866; e Etienne de Rancourt, *Fazendas et estancias; notes de voyage sur le Brésil et la République Argentine*. Paris, Plon-Nourrit, 1901.

<sup>41</sup> Ver as críticas acerbas de Charles Expilly em: *Le Brésil tel qu'il est*. Paris, E. Dentu, 1862; e *Les femmes et les moeurs du Brésil*. Paris, Charliou et Huillery, 1863.

<sup>42</sup> Além das já citadas: Ina von Binzer, *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. São Paulo, Paz e Terra, 1980; Maria Graham, *Journal of a voyage to Brazil*. London, Hurs Rees, 1824; Louis e Elizabeth Agassiz, *Voyage au Brésil. Abregé sur la traduction de l'anglais ...*, 3e. ed., Paris, .... 1869; Marguerite Dickins, *Along shore with a man-of-war*. Boston, Mass., Arena Pub. Co., 1893; Lady Catarina Carola Jackson, *A formosa Lusitania*. Versão do inglês prefaciada e anotada por Camilo Castelo Branco. Porto, Livraria Portuense, 1877; Ida Pfeiffer, *A woman's journey round the world*. 3rd ed. London, Ingram, Cooke & Co., 1852.

<sup>43</sup> Jean-Baptiste Debret, *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement ...* Paris, Firmin Didot frères, 1834-39. 3 vols; Charles Ribeyrolles, *Brazil pittoresco. Historia-descripções-viagens-instituições-colonização*. Rio de Janeiro, Nacional, 1859; Johann Moritz Rugendas, *Voyage pittoresque dans le Brésil*. Traduit de l'allemand par M. de Golbéry, Marie-Philippe-Aimé de (1786-1854). Paris, Engelmann & cie., 1835; Henry Marquam, *Promenade en Amérique, ou scenes instructives et pittoresques, propres à faire connaitre aux enfants les moeurs...* Paris, Librairie de l'Enfance et de la Jeunesse, 1838; Ferdinand Denis, *Beautés et merveilles de la nature au Brésil ou description pittoresque des productions curiosités et phénomènes de...* Paris, Lib. Enfance Juvenile Pierre Maumus, 1839.

<sup>44</sup> Ubaldo A. Moriconi, *Nel paese de "macacchi"*. Torino, Roux Frassati e C. Editori, 1897; Oscar Leal, *Viagem a um paiz de selvagens*. Lisboa, Antonio Maria Pereira, 1895.

<sup>45</sup> Ver A.P.D.G., *Sketches of Portuguese life, manners, costume, and character*. By A. P. D. G. London, G. B. Whittaker, 1826; *Letters from Portugal and Spain*. London, Richard Phillips, 1808; Alfred Charles Smith (reverendo), *Narrative of a spring tour in Portugal*. London, Longmans, Green and Co., 1870.